

Um esclarecimento a mais

17 FEV 1991

ALCENI GUERRA

O GLOBO

Não me agrada polemizar, pelo aspecto cansativo da polémica. Não pelo embate em si, tão a gosto de quem, como eu, aceita desafios. O que torna a polémica enfadonha é o jogo de afirmações. Isto confunde o homem comum que desconfia dos homens públicos, principalmente pela falta de sinceridade de alguns, pela desonestidade de outro tanto e pela inapetência gerencial de muitos.

Cariocas e fluminenses assistem, de camarote, os disparos de sua equipe sanitária contra o Ministério da Saúde, escolhido como alvo para justificar os desacertos e os agravos dos serviços. O Estado do Rio continua tendo um dos piores serviços de saúde do Brasil. Nos seus ataques desesperados desperdiçam energia, já que não podem desperdiçar talento. Jogam com palavras como jogam com vidas humanas. Sem respeito algum. Usam o discurso, o palanque, a mídia, para por debaixo do tapete o desastre e o descalabro administrativo. Querem justificar em dias o que não fizeram em meses. Por incuria e por incompetência.

Quando assumi o Ministério da Saúde, atendendo a uma recomendação expressa do Senhor Presidente da República, vim ao Rio para constatar dificuldades no setor de saúde. Elegi as unidades do Inamps já que não poderia, sem causar profundos dissabores, visitar outras unidades, como as do Estado, financiadas pela União e em última análise pelo contribuinte. Os resultados das visitas todos conhecem pois a mídia foi generosa, implacável e parceira nas mudanças que começaram a se operar no setor federal de saúde.

As pessoas de menor grandeza foram induzidas a imaginar que se tratava de uma ação de marketing institucional do Ministério. Os fatos apontavam para o que pregava, insistentemente, em todos os lugares do Brasil, clamando por um novo modelo gerencial de saúde, com base na competência dos administradores, na qualidade dos serviços e na satisfação dos usuários.

Tive então a oportunidade de com realismo fazer inúmeras viagens ao Rio para contatos com as autoridades estaduais de saúde visando encontrar soluções para os agravos da população. Lamentavelmente meus esforços resultaram infrutíferos. Quando me deparei que estava lidando com pessoas insinceras, irresponsáveis e

despreparadas busquei alternativas. O exemplo mais flagrante pode ser extraído no combate ao dengue. Quando me convenci de que poderia o Brasil ser humilhado por uma epidemia de dengue diante da inação do Estado, obtive do Senhor Presidente da República autorização para envolver as Forças Armadas no combate ao dengue. O Exército desenvolveu uma intensa ação preventiva, substituindo o Estado. Diante da clamorosa falha do Estado, recorri aos municípios do Grande Rio e Volta Redonda inclusive e mais tarde confortei-me quando o prefeito de Campos me mostrou que entrou no combate ao dengue de forma incisiva e sozinho.

Do que temos lido e ouvido, com o vociferar de vozes de quem está nos estertores da agonia, resta-me aplaudir a iniciativa remetida ao Tribunal de Contas da União para levantar os repasses federais para o Estado do Rio. O TCU adota o procedimento como rotina. Paralelamente, determinei uma auditoria externa para verificar a aplicação de recursos destinados à Secretaria estadual. Recordo apenas que em 28/01/91 o responsável pela Secretaria assinou documento reconhecendo ter desviado recursos do GAP (Guia de Autorização de Pagamentos) para aplicar em ações de combate ao dengue!

Por outro lado, cariocas e fluminenses precisam saber que o Ministério da Saúde está determinado, seja na essência do Sistema Único de Saúde, seja nas propostas do Plano Quinquenal, em melhorar consideravelmente os padrões de saúde do Rio e do Brasil. É uma obstinação que merece todos os nossos esforços, com investimentos pesados. Se mais não o fizemos em 90 foi porque tivemos 12 meses de receitas e 15 de despesas e revertemos uma expectativa de um déficit explosivo de 6,5 bilhões de dólares, a preços de março de 90, para um ligeiro superávit. Além do que os investimentos em saúde, cadentes ou estagnados nos últimos 20 anos, saltaram de 1,8% do PIB em 89 para 3,7% em 90.

A Fiocruz está passando por uma mudança significativa. Sua eficiência será amplamente estimulada. Três novas grandes unidades serão implantadas no seu campus, sendo que o Centro de Biotecnologia começa a subir. Suas instalações se deterioraram. Suas condições de trabalho se degradaram. Sua produção científica

quase se inviabilizou. Sua explosão tecnológica foi retardada. Estamos transformando a Fiocruz num centro ainda maior para deixá-la às portas do Primeiro Mundo.

As propostas do Pró-Saúde, interrompidas unilateralmente pelo Estado, serão retomadas com o novo Governo. Se avançamos em Porto Alegre, Salvador, Belo Horizonte e Florianópolis, por exemplo, poderemos avançar no Rio, interligando a rede básica, com vistas a marcação de consultas, exames e internações. O Programa de Enfrentamento às Emergências e Traumas mereceu especial atenção no Rio pela pressão da demanda. Neste sentido, investimos 2 bilhões de cruzeiros nas unidades próprias, principalmente nas de Bonsucesso, que chegara a níveis críticos, Andaraí e Posse. Os que passam hoje pela frente dos postos ou hospitais do Inamps podem verificar o quanto foram reduzidas as filas, o quanto aumentou o atendimento.

Em 90, fizemos quatro campanhas de vacinação no País, em ações preventivas de grande envergadura, como nunca se fez. Calamos os críticos de que priorizamos exclusivamente as ações curativas. Os resultados colhidos no Rio foram ridículos. A equipe sanitária de D. Manoela & Cia. cevou-se na esterilidade e na alegação, por exemplo, que o mês de dezembro era de festa e não de trabalho. O resultado, até janeiro, apresenta o Rio de Janeiro como o penúltimo Estado em cobertura vacinal. Só está na frente do Acre...

O povo carioca e fluminense pode ter a certeza de que o Ministério da Saúde, solidário com o seu sofrimento, não o esqueceu jamais. Cumprindo a Constituição que assinei como constituinte e seguindo o espírito da Lei Orgânica de Saúde, mesmo antes de sancionada e regulamentada, como um dos seus co-autores, muito fiz para que o Rio fosse vanguarda de uma nova política de saúde, inspirada em ações concretas. Tempos atrás, em julho de 90, alertei, de público, em "O Dia", para as dificuldades que encontrei no Estado. O que previ aconteceu. Desgraçadamente aconteceu.

Alceni Guerra é Ministro de Estado da Saúde.